ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E AGRONEGÓCIO
DEPARTAMENTO DE DEFESA AGROPECUÁRIA

Of. 306/2014 SVZ/DDSA/DDA Porto Alegre, 28 de agosto de 2014.

Prezado Senhor Alexandre Algeri

Vimos cordialmente cumprimenta-lo e na oportunidade encaminhar em anexo breve relato descrevendo as ações já desenvolvidas na tentativa de realizar o saneamento da tuberculose animal no Parque Pampas Safari.

O objetivo deste é realizar solicitações e sugerir ações que possam contribuir com o trabalho da administração do Pampas Safari, bem como tentar melhorar a gestão do estabelecimento que consequentemente trará melhorias no combate a tuberculose e no bem estar dos animais lá albergados.

Atenciosamente

Rodrigo Nestor Etges
Médico Veterinário CRMV-RS 8220
Fiscal Estadual Agropecuário IF 7422741/01
PNCEBT/SVZ/DDSA/DDA/SEAPA

Ao Senhor
Alexandre Algeri
Pampas Safari
Gravataí-RS

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E AGRONEGÓCIO
DEPARTAMENTO DE DEFESA AGROPECUÁRIA

RELATO DAS ATIVIDADES E SOLICITAÇÃO DE PROVIDÊNCIAS PARA PROSSEGUIMENTO DO SANEAMENTO DO PARQUE PAMPAS SAFARI.

O Pampas Safari é um local único no Brasil, temos grande admiração pelo estabelecimento e acreditamos que todos veterinários e biólogos do Rio Grande do Sul também tem muito apreço pelo estabelecimento. É muito provável que o parque tenha inspirado muitos jovens a seguirem carreira na Medicina Veterinária e na Biologia, pois é um local muito especial.

Ocorre que, um parque com esse tamanho e com a diversificação de espécies lá abrigadas, não pode ser "gerido a distância" como tem ocorrido nos últimos anos. É admirável o trabalho da Angélica e da Carolina, que se dedicam muito a manutenção da saúde dos animais. Mas **é urgente que seja instituído um gestor para o parque**, para que ele seja administrado no dia-a-dia das atividades, das rotinas.

As profissionais (veterinária e bióloga) não podem desenvolver este papel. Elas devem demandar a este gestor o que precisam e este tomar providências, seja regrando atividade dos funcionários ou fazendo aquisição de produtos, equipamentos, utensílios, etc... Já estivemos cerca de dez vezes no parque, e ficou muito claro que a maioria dos funcionários (excetuando o senhor Gildo, que é um profissional muito dedicado e que realmente preocupa-se com os animais) é muito relutante em cumprir ordens. Tudo fica pra depois, ou seja, eles praticamente se comandam sozinhos.

Quanto ao problema da tuberculose, deste assunto temos conhecimento. A bactéria que causa a tuberculose (*Mycobacterium bovis*) é muito difícil de eliminar. É uma doença crônica que tem curso muito longo, podendo ficar "silenciosa" durante muito tempo.

Os animais infectados excretam a bactéria nas fezes e secreções, o que significa que o contagio não ocorre apenas no contato direto entre os animais, mas também por contato com pastagem e água contaminada, e é o que temos percebido ao nas necropsias dos positivos, pela localização das lesões (até agora apenas em um animal foi encontrada lesão pulmonar), o que não quer dizer que não ocorra, pois alguns animais que foram encontrados mortos no parque apresentavam lesões pulmonares.

Um fator que nos favorece é que a bactéria é eliminada rapidamente na exposição solar, quando não há umidade. Então nossa ideia era criar áreas (preferencialmente sem umidade excessiva) que ficassem vazias (sem mamíferos) por pelo menos 60 dias, e depois iríamos povoando-as com os animais que foram considerados negativos ao Teste Cervical Comparativo nestas áreas que podemos considerar "descontaminadas".

Começamos a fazer testes nos cervos (que é a única espécie do parque que podemos aplicar o teste com tuberculina) em outubro do ano passado, quando testamos 5 cervos dama e encontramos um animal reagente positivo que foi sacrificado. Os outros quatro, que consideramos negativos, foram lotados nesta área “descontaminada”.

Neste ano, até semana passada, já tínhamos destinado mais 13 animais que tiveram resultado negativo aos testes para esta área “descontaminada”.

Para nossa surpresa, estes animais que podíamos considerar negativos fugiram da área “descontaminada” porque um hipopótamo destruiu a cerca. Ou seja, perdemos todo trabalho de meses.

Por isso, urge que sejam realizados reparos imediatos no recinto que abriga os hipopótamos, dado que se trata de uma espécie muito agressiva e colocam em risco não só a estrutura do parque, mas também a integridade física

dos funcionários e principalmente dos visitantes, que na maioria das vezes não tem a noção do perigo.

Acreditamos que se houver investimento na estrutura, o parque pode ser muito lucrativo. O primeiro é preciso "arrumar" a casa, realizando ações básicas. Criar animais, ainda mais exóticos e soltos, não é tarefa fácil. Eles "não se criam" sem assistência e acompanhamento contínuo. E prestar assistência para estas espécies (especialmente dos cervos) é preciso que haja estrutura adequada de manejo e contenção. O brete que temos utilizado esta sem qualquer reforma e/ou melhoria faz muito tempo. Isso inclusive causa uma série de lesões nos animais que poderiam ser perfeitamente evitadas.

Elencaremos alguns problemas pontuais que percebemos no parque, também citando a questão da gestão, que dificultam a realização do saneamento para tuberculose.

1-Cercas precárias: isso é um grave problema, pois há frequentemente invasão do parque por estranhos e animais numa área entrando em outras que não deveriam. Foi o caso dos que aconteceu com os cervos e que já podíamos considerar "negativos" para tuberculose. Um dos hipopótamos quebrou a cerca e estes animais negativos novamente se misturaram a população contaminada. Por causa disso, teremos um retrabalho enorme, pois os animais terão que ser novamente testados.

2-Não há controle populacional: não há controle populacional e falta de identificação individual de animais (e consequentemente não existe "registro" do manejo). É nítido que há superpopulação de cervos, capivaras e primatas. Todos estes animais, convivendo num ambiente sabidamente contaminado com ***M bovis***, não é o ideal. Lembramos que já foram necropsiadas capivaras encontradas mortas que estavam doentes de tuberculose, bem como primatas.

3-Falta de estrutura para adequada contenção: o brete precisa de melhorias/reformas. As madeiras deixam entrar muita luz. O ideal é que houvesse uma cobertura sobre ele, só para diminuir a luminosidade. Tipo uma "galpão" que dentro abrigasse o brete. Isso reduziria muito o estresse dos animais e poderíamos reduzir a quantidade de anestésicos. Também precisa ser feito o acolchoamento de toda parte interna do brete, com uma esponja grossa e densa, recoberta por couro ou algum outro material que não permita que a esponja se decomponha, dando assim uma maior durabilidade do material. Acredito que isso não seja tão oneroso. Nas necropsias dos animais reagentes aos testes para tuberculose, temos encontrado muitas lesões nas carcaças causadas pelo fato dos animais se debaterem dentro do brete.

4-Falta de material para contenção: não há dardos-anestésicos adequados, os que são utilizados são artesanais e falham demais, havendo desperdício de fármacos e demora na ação. Os dardos comerciais são mais caros, porém muito mais eficazes. Isso ajudaria na redução da mortalidade por estresse e facilitaria ações de rotina de enfermagem em animais doentes ou feridos. **Também é extremamente necessário um rifle para disparo dos dardos anestésicos**. Há animais no parque que somente com a utilização do rifle é possível realizar a sedação/anestesia, pois não há outra maneira de captura-los.

5-Fármacos: como não há recursos para aquisição de fármacos mais seguros, temos utilizado a combinação Ketamina+Xilazina. Este é um protocolo seguro para "tranquilização" ou "anestesia", porém, somadas as questões de precariedade na estrutura e material para contenção, este protocolo tem gerado muitos óbitos. Acreditamos que se usarmos um fármaco para anestesia dissociativa (fármaco Zoletil) haverá redução no número de óbitos pós-anestesia. Nas últimas duas baterias de testes, perdemos mais ou menos 5 animais. Então penso que apesar do Zoletil ser mais caro, estamos tendo prejuízo

com óbitos de cervos, então acredito que no fim das contas vale a pena. Também há a questão da dificuldade de aquisição de eutanásicos (T-61), que é o fármaco que devemos usar para sacrificar os animais reagentes positivos a prova com tuberculina.

6-Falta de equipamentos para tricotomia: uma das coisas que solicitamos ao parque, que é essencial para a aplicação do Teste Cervical Comparativo nos cervos, é um aparelho para tricotomia de animais. Ao invés disso, foi adquirida uma máquina de cortar cabelo de humanos, totalmente inadequada para a atividade. Inclusive, na última rodada de testes, tivemos que deixar 2 animais como “inconclusivos” (que precisarão ser retestados) porque não foi possível fazer uma retirada correta dos pelos do pescoço.

7-Carga horária da Bióloga e da Veterinária: deve ser aumentada a carga horária das responsáveis técnicas do Pampas. Acredito que se estas tiverem mais presente no estabelecimento. Não conheço a legislação do Conselho Regional de Biologia e não posso afirmar qual deveria ser a carga horária mínima exigida, mas no caso do Conselho Regional de Medicina Veterinária, é exigido que o Responsável Técnico cumpra uma carga horária mínima de 40 horas. Mas o principal aqui não é a questão legal, mas o fato de que se a veterinária tiver presente no parque todos os dias, os animais feridos, doentes, etc... terão maior assistência e maior chance de recuperação.

8-Falta do gestor: como citamos anteriormente, não havendo quem faça a gestão do parque, não tem como a coisa melhorar. Hoje, a relação é direta entre a equipe (bióloga-veterinária) com os funcionários e com a "administração" do parque, e me parece que esta "administração" e exercida por pelo menos 3 pessoas, o que convenhamos, não existe.

Cremos que com a visibilidade que o Pampas Safari possui, há uma boa chance de conseguirem contratos publicitários, que possam trazer recursos

extras (além daqueles gerados com a visitação) para realização de melhorias e manutenção. Por exemplo, fazer um contrato com a empresa que faz fornecimento de ração para os animais, permitindo que seja instalada alguma forma de publicidade em troca de construção de um foço para isolamento dos hipopótamos.

Como forma de colaborar para a manutenção do parque e, especialmente, saneamento da tuberculose e bem estar dos animais, julgo que posso fazer este relato. Esta questão envolvendo doenças de rebanho, especialmente tuberculose, não é trabalhada no Brasil. Como fui designado pela Secretaria Estadual da Agricultura, a pedido do IBAMA, para auxiliar no trabalho de saneamento, creio que não só posso como devo indicar possíveis soluções. Como isso não é trabalhado no Brasil, buscamos literatura estrangeira e realizamos contatos com outros veterinários, especialmente dos Estados Unidos, para poder me abastecer de informações de como realizar o trabalho. Mas tudo isso é em vão se pré-requisitos listados não forem cumpridos.

Estamos à disposição para colaborar. Acreditamos que se queremos ver uma situação melhorar, temos que falar o que pensamos sobre o assunto.

Porto Alegre, 28 de agosto de 2014

Rodrigo Nestor Etges
Médico Veterinário CRMV-RS 8220
Fiscal Estadual Agropecuário IF 7422741/01
PNCEBT/SVZ/DDSA/DDA/SEAPA